



**Experiências  
em Ensino, Pesquisa  
e Extensão na Unilab:**  
Caminhos e Perspectivas

Volume 3

**Experiências em Ensino, Pesquisa e Extensão na Unilab:  
caminhos e perspectivas – Volume 3**

© 2018 Copyright by Geranilde Costa e Silva e Evaldo Ribeiro Oliveira  
(Organizadores)

IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL  
EFETUADO DEPÓSITO LEGAL NA BIBLIOTECA NACIONAL

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

**Conselho Editorial**

DR. ALUÍSIO MARQUES DA FONSECA   UNILAB	DR. JOSÉ GERARDO VAASCONCELOS   UFC
DRA. ANA MARIA IORIO DIAS   UFC	DRA. JOSEFA JACKLINE RABELO   UFC
DRA. ANA PAULA STHEL CAIADO   UNILAB	DR. JUAN CARLOS ALVARADO ALCÓCER   UNILAB
DRA. ANTONIA IEDA DE SOUZA PRADO   UNINASSAU	DRA. LIA MACHADO FIUZA FIALHO   UECE
DR. ANTÔNIO ROBERTO XAVIER   UNILAB	DRA. LÍDIA AZEVEDO DE MENEZES   UVA
DR. CARLOS MENDES TAVARES   UNILAB	DRA. LÍVIA PAULIA DIAS RIBEIRO   UNILAB
DR. CASEMIRO DE MEDEIROS CAMPOS   UNIFOR	DR. LUIS TÁVORA FURTADO RIBEIRO   UFC
DR. CHARLITON JOSÉ DOS SANTOS MACHADO   UFPB	DRA. MÁRCIA BARBOSA DE SOUSA   UNILAB
DR. EDUARDO FERREIRA CHAGAS   UFC	DRA. MARIA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA PORTELA CYSNE   UNILAB
DR. ELCIMAR SIMÃO MARTINS   UNILAB	DR. MICHEL LOPES GRANJEIRO   UNILAB
DRA. ELISÂNGELA ANDRÉ DA SILVA COSTA   UNILAB	DRA. MILENA MARCINTHA ALVES BRAZ   FGF
DR. ENÉAS DE ARAÚJO ARRAIS NETO   UFC	DR. OSVALDO DOS SANTOS BARROS   UFPA
DR. FRANCISCO ARI DE ANDRADE   UFC	DRA. REGILANY PAULO COLARES   UNILAB
DR. GERARDO JOSÉ PADILLA VÍQUEZ   UCR	DRA. ROSALINA SEMEDO DE ANDRADE TAVARES   UNILAB
DRA. HELENA DE LIMA MARINHO RODRIGUES ARAÚJO   UFC	DRA. SIMONE MARIA SILVA DANTAS   FACPED
DR. JAVIER BONATTI   UNIVERSIDADE DE COSTA RICA	DRA. SINARA MOTA NEVES DE ALMEIDA   UNILAB
DR. JOSÉ BERTO NETO   UNILAB	DRA. VANESSA LÚCIA RODRIGUES NOGUEIRA   UNILAB

PROJETO GRÁFICO E CAPA | *Carlos Alberto Alexandre Dantas*  
REVISÃO DE TEXTO | *Leonora Albuquerque*

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
BIBLIOTECÁRIA: *Regina Célia Paiva da Silva* – CRB – 1051

---

E96 Experiências em ensino, pesquisa e extensão na Unilab:  
caminhos e perspectivas / Geranilde Costa e Silva; Evaldo  
Ribeiro Oliveira (orgs). – Fortaleza: Imprece, 2018.

502 p.: il. 14cm x 21 cm.

v. 3

Inclui tabelas e fotos

ISBN: 978-85-8126-180-5

1. Ensino Superior – Pesquisa - Brasil. 2. Extensão Univer-  
sitária. 3. Silva, Geranilde Costa e. 4. Oliveira, Evaldo Ribeiro.  
I. Título.

CDD. 378. 0072

---

Geranilde Costa e Silva  
Evaldo Ribeiro Oliveira  
O r g a n i z a d o r e s

# **Experiências em Ensino, Pesquisa e Extensão na Unilab:** Caminhos e Perspectivas

Volume 3



Fortaleza | Ceará  
2018

# Infâncias em situação de pobreza: relatos de experiências interseccionais da extensão universitária na Estrada Velha-Acarape/CE

James Ferreira Moura Junior<sup>1</sup>, Antonio Ailton de Sousa Lima<sup>2</sup>, Francisco Gabriel Silveira Ferreira<sup>3</sup>

## Introdução

A reaPODERE – Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências<sup>4</sup> é um grupo de pesquisa e extensão caracterizado por ações de inserção comunitária. Tem como foco de trabalho as implicações psicossociais da pobreza em suas perspectivas interseccionais com foco nas estigmatizações e nas potencialidades dos diversos grupos sociais que atua. No ano de 2016, foram iniciadas inserções comunitárias na comunidade de Estrada Velha<sup>5</sup> por meio de uma lógica de uma exten-

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Professor do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

<sup>2</sup> Discente Sociologia UNILAB.

<sup>3</sup> Discente Pedagogia UNILAB.

<sup>4</sup> Nome dado pelos integrantes da rede que atuam desde maio/2016, coordenado pelo o Prof. Dr. James Ferreira Moura Júnior pela Universidade da Integração Internacional Afro-Brasileira (UNILAB).

<sup>5</sup> A comunidade Estrada Velha, situa-se na cidade de Acarape-CE, uma das cidades que compõe o Maciço de Baturité que fica a 60 km da cidade de Fortaleza, capital do Ceará. A comunidade fica próximo ao campus da Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

são universitária. Esta comunidade foi escolhida campo de ação da reaPODERE por contadas diversas privações vivenciadas por moradoras e moradores desse local, assim como da invisibilidade de suas problemáticas perante o poder público e a própria universidade. Desse processo, surgiu o contato com as crianças que sofrem com a situação de pobreza e o interesse de entender de que forma essas pessoas resistem nesses espaços. Podemos perceber na dinâmica da comunidade movimentos de resistências (como os diversos espaços de lazer experienciados pelas crianças da comunidade) e de opressão (locais passíveis a focos de doenças, criminalidades e violências) que influenciam no desenvolvimento das crianças de forma específica e interseccional.

É importante entender a interseccionalidades como uma experiência específica de violação e de resistência a partir da articulação de diversos marcadores em uma matriz identitária (KERNER, 2012). Esse prisma de análise surgiu a partir da luta das ativistas negras que denunciavam a invisibilidade da intersecção das questões de gênero e racial nos próprios movimentos feminista e de luta dos direitos humanos (CRENSHAW, 2002). Henning (2015) concebe que a análise interseccional deve ser feita a partir da experiência dos indivíduos inseridos nos fenômenos de opressão, não devendo ser considerada como uma soma de marcadores ou violências, mas com um viés específico e singular.

Estudar o fenômeno pobreza no desenvolvimento social das crianças nos faz entender melhor suas formas de enfrentamentos ao sistema que lhe é imposto. Assim, podemos ver os impactos negativos, que podem resultar em “situações de *stress* e risco no seu cotidiano, podem apresentar distúrbios emocionais” (CENCANELLO; KOLLER, 2000, p.73). Além desses fatores negativos, podemos observar formas de resistência, quando o indivíduo se dá conta da realidade da situação de pobreza na qual é inserido e a partir disso faça com que ele entre em um movimento de enfrentamentos e de transformação social dos estigmas, processos

discriminatórios e violência, após sua tomada de consciência de opressão (SARRIERA, et al, 2016). Portanto, o papel da extensão desenvolvida na REAPODERE é fortalecer a comunidade e os processos de resistência desenvolvidos por indivíduos em contextos de privação. Assim, tem-se como objetivo apresentar os relatos de experiência da extensão universitária com crianças em situação de pobreza da Estrada Velha em Acarape/CE.

Os relatos de experiência apresentados neste capítulo foram desenvolvidos a partir da realização da frente das crianças do projeto de extensão “Reapodere-se: processos de empoderamento a partir de intervenções comunitária com mulheres da comunidade da Estrada Velha/Acarape” vinculado a Pró-reitora de Extensão da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. São realizadas atividades socioeducativas semanais com as crianças da comunidade desde outubro de 2017. Para registro dessas ações, foram redigidos diários de campo. O diário de campo é uma técnica utilizada na antropologia, sociologia e, posteriormente, na Psicologia Social (MONTERO, 2006). Segundo Angrosino (2009), a elaboração dos diários de campos sistemáticos tem como premissa o registro de detalhes sem preconceitos, encontrando fatores que possam ser encarados como padrões. Assim, tem-se como fim a explicação da situação, a relação dos participantes, a cronologia dos eventos, o registro de conversas e outras interações verbais e a descrição do cenário físico, dos comportamentos e das interações.

### **Crianças da Estrada Velha e as Experiências da extensão**

A comunidade Estrada velha é um campo de atuação da extensão universitária que sofre com o processo de estigmatização da própria população da cidade de Acarape e cidades vizinhas, a qual ficou reconhecida pelo tráfico de drogas, violência e a pobre-

za, sendo totalmente marginalizada e negligenciada pela própria política local. Assim, segundo os relatos de uma das moradoras da comunidade, “a comunidade era vista como um lugar perigoso na maioria das vezes e que principalmente era um lugar esquecido.” (DC 17/05/2017).

Nesse sentido, a reaPODERE como extensão tenta proporcionar a essas crianças intervenções sócio educativas com foco no sentido de comunidade e de grupo, visando criar movimentos de resistências as adversidades nessas crianças. É importante compreender que a resistência é uma ação coletiva visando o bem comum e focada na construção de uma realidade mais justa e igualitária para os indivíduos (SAWAIA, 2014). Assim, “a extensão universitária possibilita o engajamento na vida social da comunidade. Ao se deparar com a realidade multifacetada, urgem as oportunidades de intervenção e trabalho educativo da extensão como prática para a transformação social” (SUGAHARA, 2012, p.165).

Das nossas idas a campo, as/os moradoras/es sempre relataram o ócio das próprias crianças e jovens: “falaram sobre a falta de um local específico para o lazer de crianças, adolescentes e adultos” (DC, 13/08/2017). De acordo com os relatos das/os extensionistas da rede, as crianças foram as primeiras participantes das atividades da reaPODERE, já que essas se mostraram mais acessíveis ao nosso trabalho. Na comunidade, a reaPODERE deu continuidade à sua inserção através de trabalhos desenvolvidos com as crianças, na qual eram divididas em dois grupos, o primeiro com crianças de zero a seis anos, e o segundo de sete a doze anos. Essa divisão foi pensada em uma perspectiva que viesse melhorar a participação efetivas desses sujeitos nas atividades, pois cada fase do desenvolvimento compreende suas especificidades. Além disso, o foco das ações desenvolvidas está baseado nas atividades lúdicas. “Nesse sentido, as brincadeiras são de suma importância para o desenvolvimento da chamada motricidade, do

raciocínio por meio do faz-de-conta.” (BUENO, 2010, p.21). As atividades socioeducativas são pensadas/planejadas semanalmente, na qual os horários e os dias dependem da disponibilidade de horário das crianças. Nesse sentido, há uma flexibilidade para se estabelecer um calendário. Pontuamos que as atividades são realizadas na intenção de fortalecer os vínculos e fazer com que haja um aprendizado processual como foco no respeito e na cooperação.

As crianças demonstram um constante afeto aos extensionistas que desenvolvem as atividades. Mesmo com poucos recursos e materiais, conseguimos proporcionar atividades lúdicas, estimulando a socialização e as relações cooperativas. Outra atuação da rede realizada na comunidade consiste na criação de eventos semestrais que tragam o brincar como centro. Essa ação beneficia tanto as crianças da comunidade como também as das outras localidades próximas. Temos como exemplo, a III Ciranda de Paulo Freire realizado pelo projeto de extensão Afrodita<sup>6</sup> em parceria com a rede. Além disso, ocorreu o evento I Natal da Família Estrada Velha (nome dado pela própria comunidade) que teve a momentos culturais, contando com a participação do grupo de dança “Bonde da Estrada Velha” composto pelas crianças e o grupo de jovens “Mix Dance” da própria comunidade, e também com a parceria do grupo de repercussão Unisons<sup>7</sup>.

Também, realizamos oficinas diferenciadas proporcionando a aprendizagem e acesso a informações e técnicas. Como exemplo, realizamos a oficina das bonecas Abayomi onde tivemos como público alvo, as crianças e as suas mães, proporcionando um momento de fortalecimento dos laços comunitários e familia-

---

<sup>6</sup> Afrodita é um projeto de extensão financiado pelo PIBIEC, coordenado pela Professora doutora Jeannette Filomeno Pouchain Ramos que objetiva trabalhar com formação de professores com arte, cantar o e brincas nas educações interculturais.

<sup>7</sup> Unisons é um grupo de repercussão coordenado pelo professor doutor Ricardo Nascimento.



res. Também, tivemos momentos de registro do cotidiano da comunidade que resultou em curta-metragem protagonizado pelas crianças. Realizamos igualmente oficinas de fotografia que objetivasse capturar o próprio local de resistência e o lugar de fala das crianças. Assim, as crianças são instigadas pelos extensionistas a refletirem sobre o aprendizado adquirido, com a finalidade de fazer com que elas extraíam o “porquê” e o “para que” das atividades em exercício. Também buscamos trabalhar princípios de pertencimento e comunidade, valores sociais e culturais baseados no respeito que possibilitam a quebra de estigmas e preconceitos pela situação de pobreza a qual vivem. É nesse sentido que procuramos viabilizar as potencialidades dentro do grupo de crianças.

Pontuamos algumas das atividades desenvolvidas com as crianças da comunidade em estudo. Assim, compreendemos que REAPODERE é um projeto que está ganhando espaço e reconhecimento na comunidade. O trabalho de extensão dedica-se a ir a além dos muros da Universidade, fazendo com que práticas educativas, reflexivas e críticas cheguem a comunidade externa. Para nós, a extensão é símbolo de resistência contras essas assimetrias sociais que assolam as crianças. A partir Moura Jr. e Sarriera (2016), quando falamos de resistências, tomamos em questão um processo de tomada de consciência a qual o indivíduo tem a capacidade crítica de modificar a sua própria realidade e seu cotidiano vivido, fazendo com que ele, a partir disso, exerça a própria transformação social. A apropriação dessa realidade de pobreza em que estão inseridas as crianças da Estrada Velha é imprescindível para o desenvolvimento de uma extensão crítica. Por isso, no próximo tópico, vamos deslindar como percebemos esse contexto de privação a partir de algumas autoras e autores que analisam o desenvolvimento infantil em situação de pobreza, apresentando igualmente nossas considerações sobre a extensão realizada na comunidade.

## **Impressões sobre infâncias em situação de pobreza**

Com a realização dessas atividades, podemos identificar mais detalhadamente como a situação de pobreza pode ter impactos na vida das crianças. “A idade em que a criança vivencia a pobreza também parece influenciar o desenvolvimento infantil. Se a pobreza ocorrer na infância tende a levar a repercussões no desempenho cognitivo” (PAIVA, 2009, p.27). Segundo Martí (2004), ao considerarmos crianças em uma faixa etária de 6 aos 12 anos, temos a dimensão que nessa idade elas já possuem uma atenção e cognição mais avançada, capaz de resolver assuntos complexos com mais aprofundamento, o que é diferente das fases anteriores. Assim, as crianças com essa idade já estão iniciando seu processo escolar, pois é partir dessa etapa que se tem uma nova forma de pensar, em uma maneira mais lógica e mais estratégica. Concebemos que as crianças na Estrada Velha possuem essas habilidades, pois nos ajudaram de forma colaborativa e central na organização do I Natal da Família Estrada Velha (DC 20/12/2017).

São capazes de acompanhar a conversação entre os pais e ao tempo vigiar seus irmãos pequenos e não se esquecer de que têm de acabarem os deveres antes de irem para a cama. Pode prever melhor qual será a reação de um amigo diante de uma brincadeira de mau gosto, imaginando diferentes possibilidades segundo as reações anteriores, o jeito de ser do amigo, suas preferências e outros fatores que acharem pertinentes (MARTÍ, 2004, p.234)

Marti (2004) menciona que a criança já tem uma organização dos pensamentos. Isso permite com que ela aprenda não só com seus pais como também no espaço onde decide socializar. Assim, a experiência que a criança possui pode contribuir com que ela aprenda, seja com números de repetição e/ou observação feita por elas. De acordo com Cidade, Silva e Ximenes (2016), as

maneiras de educação formais e informais são válidas no enfrentamento das condições de privações em que a criança pode vivenciar, pois as pessoas em situação de pobreza desenvolvem diversas estratégias para sobreviverem perante esse contrato adverso. Portanto, as crianças inseridas nessa dinâmica também podem aprender mais que outras crianças inseridas em condições mais adequadas. Observamos que as crianças da comunidade desenvolvem uma série de estratégias lúdicas para lidar com a realidade de privação. Elas criam as próprias brincadeiras, como também organizam diversos passos sincronizados de dança, sendo o funk a principal gênero musical cantado e dançado na Estrada Velha (DC, 12/10/17).

Então, podemos e devermos confiar em suas falas e avaliações sobre a realidade, demonstrando capacidades estratégicas de elaborar técnicas de memorização e recuperação dessas memórias sobre determinados fatos. É importante trazer essas considerações, porque geralmente às atividades voltadas para crianças seguem uma lógica adultocêntrica em que são reconhecidas como seres humanos ainda não desenvolvidos em sua plenitude, não levando em conta suas opiniões, desejos e sentimentos (MONT-SERRAT; CASAS; MOURA JR., 2015). Vale ressaltar que Matrí (2004) compreende que as crianças tem conhecimento do mundo externo a ela, como a escola, família e comunidade. Foi levando em conta esse reconhecimento que aceitamos a escolha do número musical apresentado no I Natal da Família Estrada Velha pelas crianças.

As meninas da comunidade se dispuseram a realizar uma apresentação de dança em que o funk foi a música escolhida, sendo criado, com isso, um grupo de dança chamado “Bonde da Estrada Velha”. O funk foi bem acolhido pela equipe de extensão apesar dos passos e das letras sexualizadas apresentadas pelas meninas da comunidade (DC, 20/11/17). Assim, com uma forte autorreflexão da equipe de extensionistas, sentíamos o dilema

sobre questionar aquela forma de disposição no mundo baseada em movimentos sexualizados e letras machistas, pois a perspectiva decolonial também uma guia para as ações da extensão. A colonialidade do poder refere-se ao sistema de hierarquização e classificação racial e sexista empreendido como uma hermenêutica monotópica a instituir o paradigma do homem-branco-heterossexual-eurocentrado como centro (BALLESTRIN, 2013). No entanto, também entendemos que o funk também é uma forma de resistência e de construção periférica de cultura.

Assim, focadas/os na perspectiva interseccional, trouxemos algumas músicas de funkeiras para serem escutadas, como KarolKonkae Mc Carol. Apesar disso, as garotas ainda preferiam cantores homens. É importante salientar também o gênero masculino é o mais predominante na indústria cultural brasileira. Elas ensaiavam duas músicas: “Bora Balançar a Raba, Rabetinha e Xanilda” do MC WV e “Trofeu do Ano” do Mc Nando DK. Questionávamos alguns movimentos e letras. Mostrávamos formas menos sexualizadas de dançar (DC, 03/12/17). No entanto, tínhamos atenção para respeitar as decisões das meninas que iriam se apresentar. Dessa maneira, compreendemos que a interseccionalidade é fundamental para pensar nessa atuação, pois trabalhamos frente a diversas formas de violação principalmente vinculado a raça, gênero, classe e geração (CRENSHAW, 2002). Tínhamos o receio de não ouvir as pessoas que vivenciam situações de subalternidades, pois Spivak (2010) aponta que as mulheres em situação de pobreza terceiro mundistas e não brancas são constantes silenciadas inclusive por acadêmicos e acadêmicas críticas/os. Além da questão de gênero e classe, ainda tinha a questão etária, pois eram crianças situadas em ordem adulto centrada em que constantemente não são reconhecidas como sujeitos com voz.

Com isso, a música para apresentação foi a “Troféu do Ano” que é portadora da seguinte letra: “Jerry smith tá mandan-

do/ Começou novo duelo / Nando DK tá mandando / Morena jogando / Loirinha jogando, vai! / Parabéns novinha / Tu ganhou o troféu do ano / Tum dum dum dum dum / Tum dum dum dum dum / Pra mim você é / A número 01". Essa letra traz uma forte questão de gênero e etária, sendo posicionada a mais jovem em um lugar superior. A coreografia pautou-se por pulos, movimentos dos glúteos e fortes movimentos com as mãos apontando o indicador representando o número 1. Todos e todas da comunidade prestaram atenção no dia da apresentação, e o grupo de meninas foi fortemente aplaudido (DC 20/12/17).

Uma análise interseccional deve identificar as violações, mas também as resistências desenvolvidas pelas populações subalternizadas (BRAH, 2006). Assim, há o questionamento da geopolítica do conhecimento, fomentando que os povos subalternizados requeiram o direito à diferença, assumindo o controle dos seus fundamentos epistêmicos, isto é, a condição epistêmica. A escolha da música e da dança pelo Bonde da Estrada Velha foi uma decisão tomada estritamente por elas em colaboração com a equipe de extensionistas em que tiveram a liberdade de escolha junto com questionamentos sobre a forma como deveria ocorrer a apresentação. Assim, tentamos construir um espaço de vozes ativas sem opressões silenciosas, mas de reconhecimentos dos lugares e das trajetórias periféricas. Crianças a partir dos seis anos possuem uma maior consciência de seus próprios processos cognitivos, sabem avaliar o teor de uma atividade e as dificuldades atreladas por elas, além de elaborar estratégias de rendimento para de resolução de algum problema, em condutas de adaptação e planejamento (MATRÍ, 2004).

Além disso, há problemas concretos que fazem parte da realidade dessas crianças. Um dos fatos chocantes que nos deparamos em uma das idas à comunidade da Estrada Velha foi identificar crianças que não tinham o que comer em seu dia a dia, pois a falta de recursos financeiros não chegava ao seu ideal.

Assim, para realizar alguma refeição teriam que se deslocar para comunidades vizinhas para solicitar alimento. Há uma forte presença também do Programa Bolsa Família como o único meio de sustento de algumas famílias da comunidade. É importante lembrar que o benefício que não ultrapassa o valor de R\$ 336. Essas situações vinculam-se a uma perspectiva monetária da pobreza, mas não podemos situá-la somente em relação à renda *per capita*. Há uma série de fatores que constituem esse fenômeno que deve ser entendido como um estado de privação de liberdade nos diversos âmbitos da vida, como na saúde, educação, moradia, segurança, cultura, lazer, entre outros (SEN, 2000). Segundo Silva (2010) e Yazbeck (2005), a pobreza faz parte estruturante do modo de produção capitalista, constituindo uma sociedade injusta e reprodutora de desigualdade social com manutenção desse fenômeno.

Segundo Yazbeck (2005), a pobreza não se resume nas carências de bens, mas como também de direitos, de oportunidades, de informações, de possibilidades e esperanças. “Pensar que pobre é aquele que não possui renda para consumir é uma simplificação que esconde a realidade de limitação de realização emocional e pessoal, que vai além da mera insuficiência de renda.” (SOUZA, 2013, p.20) Portanto, é realidade enfrentada por uma parcela significativa da população brasileira, mas que as crianças podem ser atingidas de forma específica por esse contexto.

Famílias em situação de pobreza vivenciam períodos de maior instabilidade econômica, levando ao aumento do estresse e conflito no lar, fragilizando as relações de afeto entre pais e filhos e, portanto, reduzindo as oportunidades de estimulação e aprendizagem. Outros estudos mostram evidências de que a pobreza reduz a atenção dos pais às necessidades individuais das crianças, bem como os torna mais impacientes e punitivos, levando muitas vezes a problemas no comportamento das crianças em idades mais avançadas, tais como agressividade

e delinquência e incapacidade de resolver problemas. (PAIVA, 2009, p.28)

Assim, o fenômeno da pobreza deve ser concebido de forma interseccional, pois as crianças nessa situação possuem os marcadores classe e geração em intersecção. Por exemplo, interseccionalizando a classe, geração e gênero na vivência das crianças da Estrada Velha, há a ocorrência de situações estressoras nas relações entre mãe e filha/o na comunidade, pois as famílias são geralmente extensas, possuindo várias pessoas para essa mulher educar, alimentar, afastar do perigo da criminalidade e das doenças que acontecem com o contato as ruas. É importante salientar que na maioria das famílias os maridos são ausentes por diversos fatores, como abandono, empregos em outras cidades e morte pelo tráfico de drogas. Ceconello e Koller (2000) ressaltam um pouco desse momento de conflitos quando comenta que “a miséria econômica oriunda de fatores políticos e sociais que operam num nível macrossistêmico ecológico podem afetar o desenvolvimento da criança quando conduz à miséria afetiva.” (CECCONELLO; KOLLER, 2000, p.73).

Compreendemos que apesar das possíveis privações, há fortes relações de apoio entre as moradoras no cuidado das crianças da comunidade. Paiva (2009) traz que a resistência em comunidade em situação de pobreza pode ser representada “como o suporte social de parentes e membros da comunidade em situações adversas, controlando e monitorando o comportamento uns dos outros para a manutenção de padrões sociais.”(PAIVA, 2009, p.27). Assim, observamos que as mães cuidam de seus filhos e suas filhas, mas também das crianças de suas vizinhas(DC 15/06/17). Portanto, podemos perceber em Sarriera et al (2016) que as relações com a família, com pares, adultos, vizinhos e vizinhas, espaços escolares e comunitário agem como promotores de apoio e cooperação. Eles podem trazer um aspecto positivo na constru-

ção da subjetividade e do bem-estar pessoal. Essas relações integrativas podem diminuir o estresse das crianças, além de ser um importante meio de orientação dos perigos existentes no mundo. “Crianças socialmente competentes são hábeis para entender as normas sociais, para a interação com pares e adultos, e hábeis para regular suas emoções, especialmente, as emoções negativas.” (CECCONELLO E KOLLER, 2000, p.75).

Com isso, pretendemos que as ações desenvolvidas na extensão sejam também um espaço de fortalecimento dos movimentos de resistência já desenvolvidos na comunidade. Nessa perspectiva, devemos constantemente nos questionar sobre nosso lugar de atuação da extensão universitária para não reproduzir novas práticas de opressão, porque, tendo a perspectiva interseccional e decolonial como base, as questões de geração, classe, gênero e raça devem ser sempre refletidas na nossa forma de atuar. Com essa compreensão, prezamos atuar nas potências e resistências existentes nas infâncias da comunidade da Estrada Velha apesar da estigmatização, da violência e das privações ocasionadas pela situação de pobreza.

## **Considerações finais**

Esse capítulo foi realizado avaliando nossas atividades de extensão da reaPODERE com crianças da Estrada Velha. Assim, atuar nessa comunidade com essas crianças nos faz refletir em como podemos trabalhar com essas pessoas que sofrem vulnerabilidades e riscos sociais, devendo ser concebidas em uma perspectiva interseccional. No entanto, não devem ser reconhecidas somente em seus estados de privação, mas também em suas capacidades de resistência às adversidades. É importante também salientar que a comunidade da Estrada Velha também é constituída de fortes relações de solidariedade e cooperação entre as moradoras, construindo um espaço de cuidado das crianças apesar de estar inserida em um território de pobreza. Nesse



sentido, concebemos que a extensão universitária vá para além dos muros da universidade, atuando nos espaços de privação, mas também fortalecendo os movimentos de resistência presentes na comunidade a partir de uma postura crítica e interseccional das pessoas que atuam na extensão universitária.

## Referências

ANGROSINO, M. *Etnografia e Observação Participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n.11, p. 89-117, 2013.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.26, pp.329-376, 2006.

CECCONNELLO, A. M.; KOLLER, H. S. Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Rev. Estudo de Psicologia*, n. 5, pp. 71 – 93, 2000.

CIDADE, E. C.; SILVA, A. M. S.; XIMENES, V. M. Pobreza e juventude: implicações psicossociais, modos de vida e enfrentamento às diversidades cotidianas. In: XIMENES, V. M.; XIMENES, V. M.; NEPOMUCENO, B. B.; CIDADE, E. C.; MOURA JR., J. F. (orgs). *Implicações psicossociais da pobreza: diversidade e resistências*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016, pp. 311 – 336.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos agenero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, pp. 171-188, jan, 2002.

HENNING, C. E. Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. *Mediações*, v. 20, n. 2, p. 97, 2015.

KERNER, I. Tudo é interseccional? Sobre a relação entre racismo e sexismo. *Novos Estudos*, n. 93, p.45-58, 2012.

MARTÍ, E. Processos cognitivos básicos e desenvolvimento intelectual. In: COLL, C; MARCHESI, A; PALACIOS, J (orgs). *De-*

*senvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artmed, 2004, pp. 233 – 251.

MONTSERRAT, CARME; CASAS, FERRAN; MOURA JR, JAMES FERREIRA. Children's Subjective Well-Being in Disadvantaged Situations. IN: FERNANDEZ, E. et al. (eds.), *Theoretical and Empirical Insights into Child and Family Poverty, Children's Well-Being: Indicators and Research 10*. Suécia: Springer, 2015.

MONTERO, M. *Hacer para transformar: El método en Psicología Comunitaria*. Paidós: Buenos Aires, 2006.

PAIVA, G. S. de. *Desenvolvimento neuropsicomotor infantil: fatores determinantes na pobreza*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

Portal do Brasil. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/05/bolsa-familia-beneficia-14-milhoes>>. Acessado em: 31/07/2017.

SARRIERA, J. C.; MOURA JR., J. F.; XIMENES, V. M.; RODRIGUES, A. L. Sentido de comunidade como promotor de bem estar em crianças brasileiras. *Rev. interamericana de Psicologia/ Interamerican Journal of Psychology*, v. 50, n. 1, pp. 106-116, 2016

SAWAIA, B. B. Transformação social: uma questão para a psicologia social?. *Psicologia e Sociedade* (Impresso), v. 26, p. 17-25, 2014.

SEN, A. K. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

SILVA, M. O. da S. e. Pobreza, desigualdade e políticas públicas: caracterizando e problematizando a realidade brasileira. *Rev. Katál. Florianópolis*, v. 13, n. 2, pp. 155-163, jul./dez, 2010.

SOUZA, L. P. de. *Políticas sociais: a análise da eficácia do programa bolsa família para a redução dos índices de pobreza no período do governo lula*. Universidade Estadual de Feira de Santana: Feira Santana. 2013.

SUGAHARA, C. R. A Extensão Universitária Como Ação Socioeducativa. *Revista Conexão: UEPG*, v. 8, n. 2, pp. 167-169, julho-diciembre. 2012

YAZBEK, M. C. A pobreza e as formas históricas de seu enfrentamento. *Revista Políticas Públicas*, v. 9, n. 1, p.217-228, jul./dez, 2005.